



ALEXA

DUM

INDRE AS

O MÁSCARA DE FERRO

organização deste volume por
FERNANDO NUNO

tradução de
MARIA CRISTINA
GUIMARÃES CUPERTINO

apresentação e notas de
FÁTIMA MESQUITA

ilustração de
RAFAEL NOBRE



© Panda Books

Diretor editorial **Marcelo Duarte**
Diretora comercial **Patth Pachas**
Diretora de projetos especiais **Tatiana Fulas**
Coordenadora editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Assistentes editoriais **Camila Martins e Henrique Torres**

Coordenação da coleção **Fernando Nuno e Silvana Salerno**
Projeto gráfico **Gustavo Piqueira e Samia Jacintho | Casa Rex**
Diagramação **Casa Rex**
Ilustração **Rafael Nobre**
Revisão da tradução **Silvana Salerno**
Preparação **Estúdio Sabiá**
Revisão **Valéria Braga Sanalios, Sílvia Almeida e Maurício Katayama**
Imagem p. 1 **Alexandre Dumas © Felix Nadar/The Museum of Fine Arts**
Impressão **Ipsis**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D92m
Dumas, Alexandre, 1802-1870
O Máscara de Ferro / Alexandre Dumas; tradução de Maria Cristina Guimaraes Cupertino; apresentação e notas de Fátima Mesquita; ilustração de Rafael Nobre. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022. 728 pp. il.

Tradução de: *Le vicomte de Bragelonne*
ISBN: 978-65-5697-192-6

1. Ficção francesa. I. Guimaraes, Maria Cristina. II. Mesquita, Fátima. III. Nobre, Rafael. IV. Título.

22-76303 CDD: 843
CDU: 82-3(44)

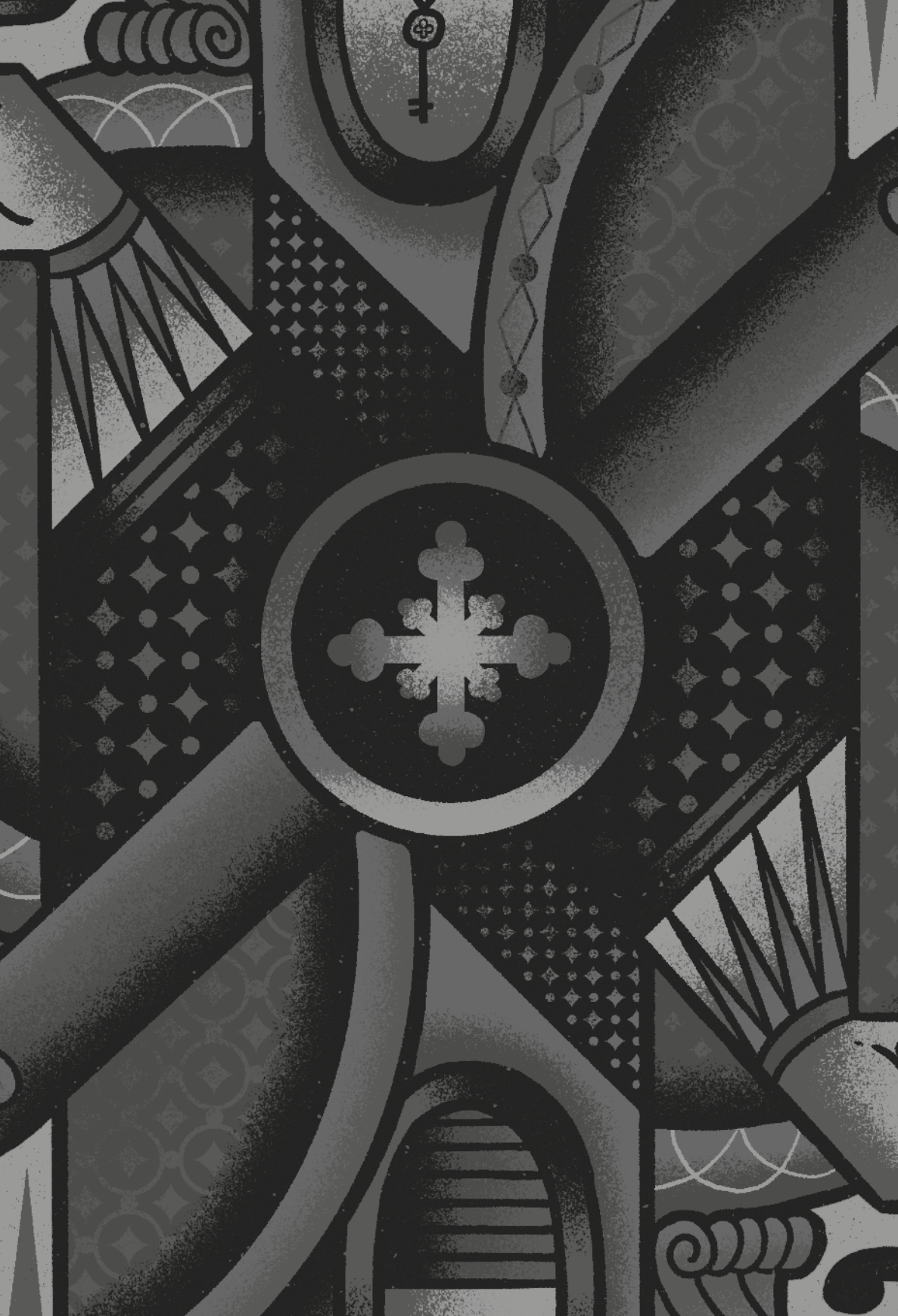
Bibliotecária: Meri Gleice Rodrigues de Souza - CRB-7/6439

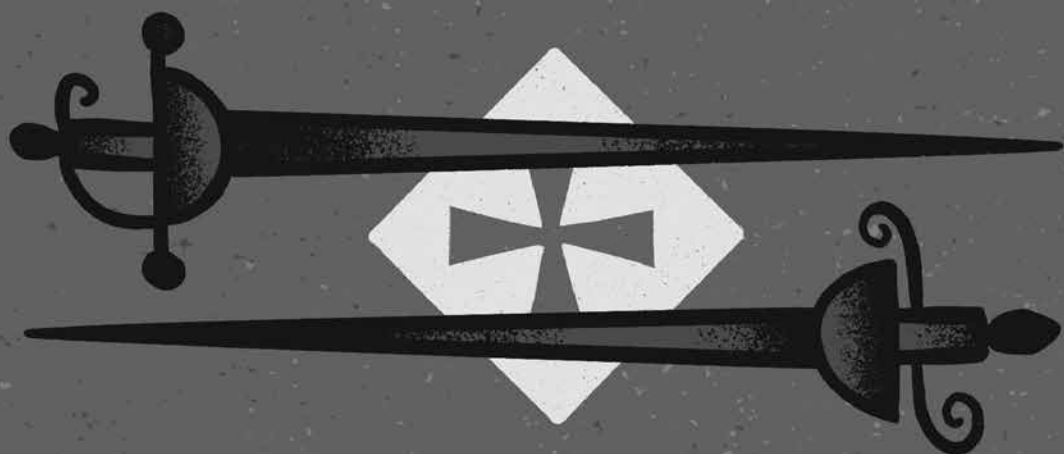
2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo, SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.







APRESENTAÇÃO p. 15

PRIMEIRA PARTE

O SENHOR BAISEMEAUX DE MONTLEZUN p. 29

AS DIVERSÕES DO REI p. 39

AS CONTINHAS DO SENHOR
BAISEMEAUX DE MONTLEZUN p. 52

O ALMOÇO DO SENHOR BAISEMEAUX p. 66

O SEGUNDO DA BERTAUDIÈRE p. 74

SEGUNDA PARTE

TRÊS COMENSAIS ADMIRADOS
POR JANTAREM JUNTOS p. 91

O QUE ESTAVA ACONTECENDO NO LOUVRE
DURANTE O JANTAR DA BASTILHA p. 97

RIVAIS POLÍTICOS p. 106

EM QUE PORTHOS É CONVENCIDO
SEM TER COMPREENDIDO p. 114

A SOCIEDADE DO SENHOR DE BAISEMEAUX p. 122

O PRISIONEIRO p. 133

DE COMO MOUSTON HAVIA ENGORDADO
SEM AVISAR PORTHOS E OS DISSABORES
QUE ISSO CAUSOU AO HONRADO FIDALGO p. 164

QUEM ERA O CAVALEIRO JEAN PERCERIN p. 174

AS AMOSTRAS **p. 182**

EM QUE MOLIÈRE TEVE TALVEZ A SUA PRIMEIRA IDEIA DO *BURGUÊS FIDALGO* **p. 193**

A COLMEIA, AS ABELHAS E O MEL **p. 200**

OUTRO JANTAR NA BASTILHA **p. 212**

O GERAL DA ORDEM **p. 220**

O TENTADOR **p. 230**

COROA E TIARA **p. 241**

O CASTELO DE VAUX-LE-VICOMTE **p. 250**

O VINHO DE MELUN **p. 256**

NÉCTAR E AMBROSIA **p. 262**

PARA GASCÃO, GASCÃO E MEIO **p. 267**

COLBERT **p. 280**

CIÚME **p. 287**

LESA-MAJESTADE **p. 294**

UMA NOITE NA BASTILHA **p. 304**

A SOMBRA DO SENHOR FOUQUET **p. 311**

A MANHÃ **p. 329**

O AMIGO DO REI **p. 338**

COMO A ORDEM FOI RESPEITADA NA BASTILHA **p. 355**

O RECONHECIMENTO DO REI **p. 364**

O FALSO REI **p. 373**

EM QUE PORTHOS ACREDITA ESTAR CORRENDO ATRÁS DE UM DUCADO **p. 385**

OS ÚLTIMOS ADEUSES **p. 391**

O SENHOR DE BEAUFORT **p. 397**

PREPARATIVOS PARA A PARTIDA **p. 406**

O INVENTÁRIO DE PLANCHET p. 417

O INVENTÁRIO DO SENHOR DE BEAUFORT p. 424

A TRAVESSA DE PRATA p. 431

CATIVO E CARCEREIROS p. 440

AS PROMESSAS p. 451

ENTRE MULHERES p. 464

A CEIA p. 474

NA CARRUAGEM DO SENHOR COLBERT p. 485

AS DUAS BARCAÇAS p. 493

CONSELHOS DE AMIGO p. 502

COMO O REI LUÍS XIV REPRESENTOU
SEU PEQUENO PAPEL p. 509

O CAVALO BRANCO E O CAVALO NEGRO p. 519

ONDE O ESQUILO CAI, ONDE A COBRA VOA p. 528

BELLE-ÎLE-EN-MER p. 538

AS EXPLICAÇÕES DE ARAMIS p. 549

CONTINUAÇÃO DAS IDEIAS DO REI E DAS
IDEIAS DO SENHOR D'ARTAGNAN p. 563

OS ANCESTRAIS DE PORTHOS p. 566

O FILHO DE BISCARRAT p. 571

A CAVERNA DE LOCMARIA p. 578

A CAVERNA p. 586

UM CANTO DE HOMERO p. 596

A MORTE DE UM TITÃ p. 603

O EPITÁFIO DE PORTHOS p. 611

A RONDA DO SENHOR DE GESVRES p. 620

O REI LUÍS XIV p. 629

OS AMIGOS DO SENHOR FOUQUET p. 638

O TESTAMENTO DE PORTHOS p. **646**

A VELHICE DE ATHOS p. **653**

VISÃO DE ATHOS p. **659**

O ANJO DA MORTE p. **666**

BOLETIM p. **672**

O ÚLTIMO CANTO DO POEMA p. **679**

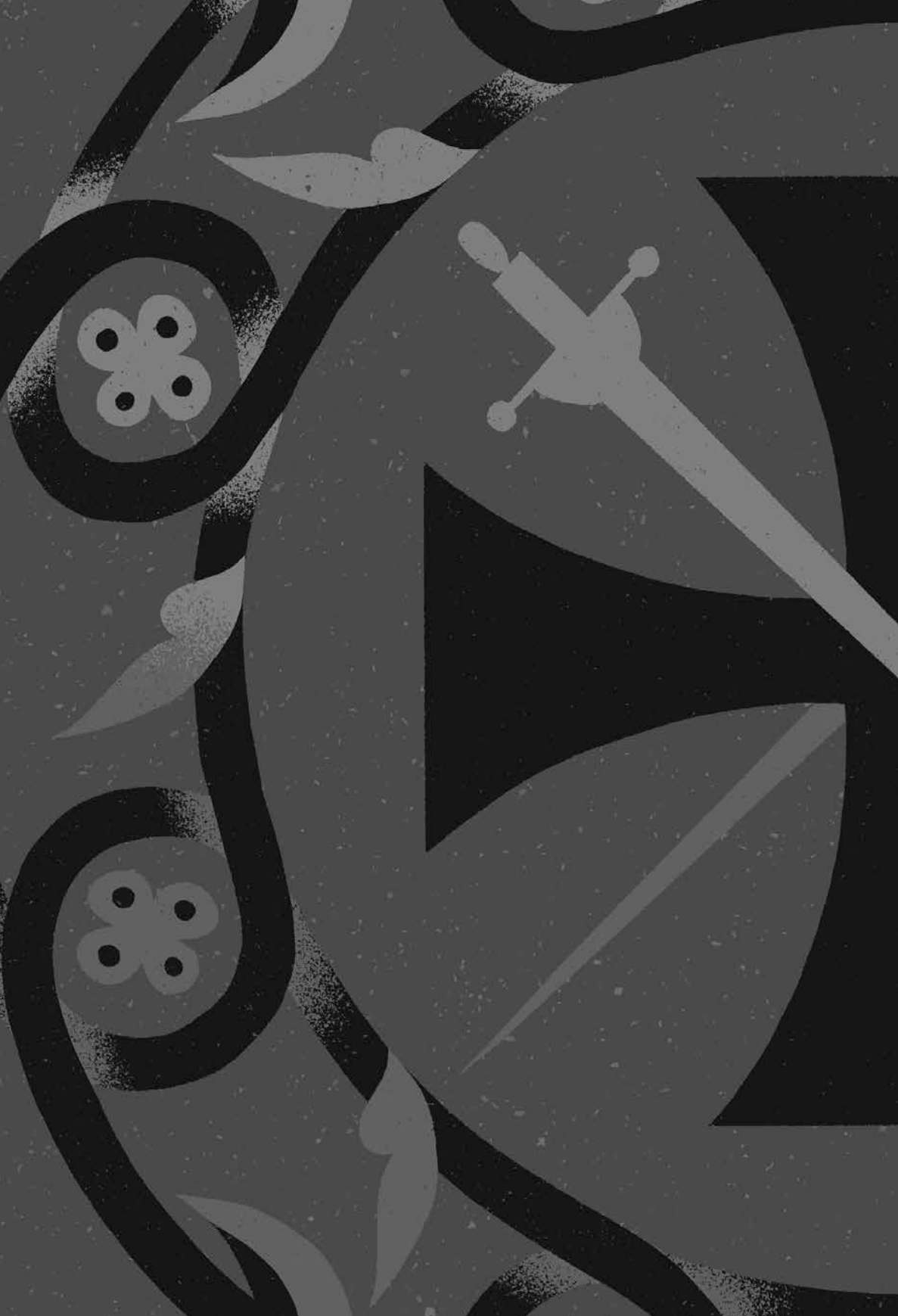
TERCEIRA PARTE

EPÍLOGO p. **691**

A BATALHA FINAL p. **712**

MAPA DE PERSONAGENS p. **722**

BIOGRAFIAS p. **724**





APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva inacreditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master*! Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da nossa história de seres humanos em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no classicão que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma *rave* de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas variadas – e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado!

Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow!*

NETO DE ESCRAVA E GÊNIO DA NARRATIVA

Alexandre Dumas nasceu em 1802, numa vila perto de Paris. Seu avô era o marquês de La Pailleterie, um francês branco, e sua avó era uma mulher negra nascida no que é hoje o Haiti; ela se chamava Marie Césette Dumas. O *baby* do casal, Thomas-Alexandre Dumas, cresceu e virou um general importante na França. Ele adotou o sobrenome da mômis e se casou com Marie-Louise, que deu à luz o Alê, criador dos famosos mosqueteiros da literatura. Papai Thomas, no entanto, morreu quando o menino tinha só quatro anos de idade.

Nosso autor nasceu numa época muito doída, logo após a Revolução Francesa de 1789, que tantas mudanças trouxe pro planeta. Veio ao mundo também marcado por duas coisas: o racismo (por ser negro) e o Romantismo, que era uma nova tendência que estava fazendo a cabeça dos artistas. O Romantismo era uma espécie de revolução também, mas contra o Classicismo, um jeito de escrever

entupido até a tampa de regras que imperava naquela época. Agora não! Agora, com o Romantismo, valia (quase) tudo.

Mas havia nessa nova onda também o susto das mudanças que estavam borbulhando no mundo, com o começo da industrialização alterando o dia a dia das pessoas, as relações entre elas, as esferas do poder. No ar pairava uma novidade e tanto: menos aquela coisa de ligações entre os tais bem-nascidos, a aristocracia, e seu clima de vassalagem, que trazia um código de honra tipo “eu-tenho-que-fazer-isso-porque-esse-é-meu-papel-na-estrutura-geral”, mas mais uma nova abordagem que era “eu-não-nasci-fidalgo-mas-tenho-grana-e-agora-vocês-vão-ter-que-me-engolir”.

Nesse sentido, é divertido mesmo ver um cara como Dumas — neto de uma mulher negra que vivenciou a escravidão — escrever romances históricos, abordando uma sociedade que com certeza o rejeitaria de cabo a rabo, né não?

A VIDA LOUCA E UMA FÁBRICA EFICIENTE DE HISTÓRIAS

O mundo dos livros se divide em dois times que ficam lutando de capa e espada. Um lado é considerado fazedor de obras finas, meio brigadeiro *gourmet*, que muitas vezes ganha prêmios, encanta os críticos, mas que não tem o hábito de ser um grande vendedor, embora, claro, haja exceções. Enquanto isso, a outra banda toca a vida produzindo entretenimento, sem maiores pretensões e, quase sempre, em volume, meio que explorando um filão.

Nas duas facções existem coisas bem-feitas e uns trechos de pouca ou até nenhuma qualidade. E esse Dumas aqui habita o grupo da diversão, com algumas obras muito boas e outras que têm os pés firmes no pantanoso território do mais ou menos.

Ele era, lá na França do século XIX, o rei absoluto do folhetim, publicando em jornais os capítulos de obras que eram como novelas de duração quase eterna de tão longas. Era também um autor amado pelos leitores. Como acontece

ainda hoje, porém, poucos escritores viviam só de escrever. O mais comum era que tivessem pelo menos um emprego fixo pra pagar as contas. Ou um mecenas — um ricoço que vinha e falava: toma aqui uma grana pra você ficar sussa e ir fazer sua arte de boas.

Mas esse Alê não tinha nem uma coisa nem outra: ele vivia só mesmo das palavras, das sentenças e dos enredos que criava. E, porque era também um homem da farra, o cara precisava de *argent* (dinheiro, bufunfa) para manter sua vida cinco estrelas, com amantes e filhos fora do casamento — de um desses relacionamentos, aliás, nasce um segundo Alexandre Dumas, autor de *A dama das camélias*, publicado em 1848 e depois transformado em peça de teatro. De outro *affaire d'amour*, veio ao mundo mais um escritor, Henry Bauer, mas que fez fama em Paris mais como crítico literário e jornalista do que como qualquer outra coisa.

Por conta dessa vida de esbórnica, Alê publicava que nem um doido. Era folhetim, romance, artigo de jornal, peça e crítica de teatro, poema, tudo e qualquer coisa. E, de preferência, rapidão. Às vezes até com mais de uma obra sendo composta ao mesmo tempo. Para isso funcionar, ele contava com um time de colaboradores que chegou a ter mais de setenta pessoas. Uma delas era um parça do Alê, o professor e historiador Auguste Maquet, que fazia um texto básico e mandava pro Dumas, que dava uma nova configuração praquela esboço.

Tem gente que diz que o Alê roubava algumas histórias, e o próprio Maquet processou o amigo certa feita por conta disso. Mas o juiz viu o rascunho e a obra acabada e deu ganho de causa pro Dumas: o cara de fato era quem dava sabor, ritmo e vibração à história e à estória. Ele era o dono do estilo e virou mesmo uma espécie de grife, porque bastava ter o nome dele lá que já era certeza de sucesso de público.

Craque do diálogo, senhor do ritmo, um ás na capacidade de manter o leitor preso à trama com cenas de ação e efeitos especiais, Dumas escreveu e publicou muito, faturou uma bela grana (e gastou sempre mais do que ganhava). Foi também uma celebridade e tanto no seu tempo, e entre seus

livros mais famosos estão *O conde de Monte Cristo* (1846), *A rainha Margot* (1845) e a sequência completa das aventuras de *Os três mosqueteiros*, que são suas obras-primas.

UM MASCARADO SÓ SEU

A saga dos mosqueteiros do Dumas virou três livros: *Os três mosqueteiros* (1844), *Vinte anos depois* (1845) e *O visconde de Bragelonne* (1847).

Já no primeiro da série, os três heróis — Athos, Porthos e Aramis — viram quatro, com a chegada do queridão D'Artagnan. Mas bora falar de *O visconde de Bragelonne*, que vem com um emaranhado de histórias e aventuras que se cruzam — bem do jeito que o Dumas ama, né? Pois no miolo desse enredo de caldo grosso tem um trelelé muito interessante baseado numa boataria que circulou brava uma pá de tempo na França.

Essa *fake news* nível *top* dizia que um prisioneiro havia passado a vida quase toda sendo obrigado a usar uma máscara pra que ninguém soubesse quem ele era. Uma das teorias para justificar esse boato dizia que o detento era irmão gêmeo do rei Luís XIV e que vivia assim para que não tivesse a chance de disputar o trono com o mano. Pois é essa confa toda que este livro aqui conta.

Dumas adorava isso de aproveitar a história de verdade para fazer ficção e criar assim o que é chamado de “romance histórico”. Então, nós, leitores, temos de ficar ligados na diferença entre o que é real e o que é romanceado, inventado nível alto. O básico é assim: houve mesmo um sujeito que ficou preso durante anos, primeiro no forte da ilha de Sainte-Marguerite, depois na famosa Bastilha, e que usava o tempo todo uma máscara cobrindo o rosto — e uns dizem que a máscara era de veludo; outros, que era de ferro. Bom, esse infeliz morreu em 1703, e nunquinha ninguém soube pra valer a identidade dele. Esse mistério, claro, deu corda para um mundaréu de conversa fiada, como a de que ele seria irmão gêmeo do rei. Outro grande escritor francês, o Voltaire, por exemplo, usou essa versão

meio desmiolada para dar um tchans numa coisa que era real: os maus efeitos que o poder absoluto de um rei podia causar. E depois Dumas uma hora lá pensou: ah, essa *fake* aí dá um molho legal. Vou mais é meter esse furunfuzê no meu livro. E ele acertou em cheio!

Outra sacada criativa desse Alê Dumas foi pegar o nome de mosqueteiros que existiram mesmo para batizar seus heróis fictícios. Os homens de verdade não viveram as mesmas aventuras do livro, não tinham a mesma personalidade dos caras inventados. Mas utilizar os nomes verdadeiros deles deu um quê especial ao livro. Do mesmo modo, nunca existiu um filho de Athos que perdeu sua amadinha para o rei Luís XIV (ah, aguenta aí que tem mais fofoquê disso adiante).

CTRL C + CTRL V (OU O FAMOSO RECORTA E COLA)

O grande fuzê aqui é que essa trama do homem de máscara foi recortada e colada de um enredo maior — ou seja, *O Máscara de Ferro* é o recorte de umas partes de *O visconde de Bragelonne* que revelam esse babado todo do prisioneiro e tal.

Por isso, atenção: este livro aqui que você tem nas mãos é uma edição superespecialíssima, uma coisa inédita mesmo. Os editores fizeram assim: vasculharam com afinco o texto do *Bragelonne* catando a dedo todos os lances em que o Máscara aparece. Aí, com esses capítulos separados, deram uma baita organização ao texto, de onde nasceu esta edição que está nas suas mãos e que, além de falar dos quatro mosqueteiros e desse irmão que nunca existiu, revela ainda os podres de várias figurinhas importantes da história da França na época.

Agora, coloque o cinto de segurança que nós vamos seguir viagem aqui com alguns detalhes que vão ajudar a encarar o desenrolar da ação com toda a tranquilidade. E começamos esta fase do jogo com uns toques bem rápidos sobre o que aconteceu com os mosqueteiros lá desde o começo da saga deles, no livro 1, que é o *Os três mosqueteiros*.

Os tais três eram Athos, Porthos e Aramis, que faziam parte da tropa de elite da guarda do rei da França. Esses soldados especiais eram chamados de mosqueteiros — um nome que tinha nada a ver com mosquito, mas com um tipo de espingarda meio primitiva usada a partir dos anos mil quinhentos e poucos: o mosquete. Aí, logo no início de *Os três mosqueteiros*, pinta um rapazinho do interior, chamado D'Artagnan, que ganha a simpatia dos caras e que se sai tão bem nas aventuras com eles que acaba sendo incorporado à tchurma, de modo que o trio vira ali um quarteto.

Agora, dos três que viraram quatro, Aramis — que era o nome de guerra de René d'Herblay — foi o que teve a carreira mais maluqueira, deixando de ser mosqueteiro para virar padre. E ele se enredou tanto nas tretas da Igreja daquele tempo que virou bispo de um lugar chamado Vannes. Além disso, ele morava numa ilha, a Belle-Île (Ilha Bela), que era um “feudo” de um poderoso topzeira, o Fouquet. Mais tarde, Aramis participou de uma estranha competição.

A Igreja Católica tem um monte de ordens religiosas lá com suas regras e tudo mais. Uma delas é a Companhia de Jesus, que a gente também conhece como sendo a ordem dos jesuítas, e o Aramis, na ficção, fazia parte dessa turma. Pois um dia, o chefe desse time estava ali na beirinha da morte e escolheu Aramis para assumir o lugar dele, mas em clima de segredo. Só quem era da ordem sabia disso. E o mais doido de tudo: o ex-mosqueteiro conquistou o cargo porque conhecia uma manobra política ultraultrassecreta (tem mais detalhes cabeludos disso no fim desta introdução, tá?). E é esse fato que acaba gerando todo o rocambole delicioso deste livro, *O Máscara de Ferro*.

O ponto X-tudo é que o Aramis quer usar esse segredo para ajudar a manter o protetor dele, o tal Fouquet, no centro do poder da França. Ué, peraí! E quem é esse tal de Fouquet, minha gente? Segura aí que já, já conto tudinho para a sua pessoa. Antes quero dar um plá sobre os outros heróis do Dumas, pode ser?

Athos. Hora de saber mais dele. Aqui neste livro, Athos já está aposentado da mosquetaria, vivendo de boas no

interior, curtindo seu título de conde de La Fère na companhia de dois criados pessoais: Grimaud e Blaisois. Antes, porém, quando ainda estava na ativa, foi casado com a duquesa de Chevreuse, que era dama de companhia da rainha da França. Os dois tiveram um filho, que é o Raoul — o visconde de Bragelonne que dá título ao livro de onde vem a história do nosso *Máscara*.

Já o grandalhão e fortíssimo Porthos é o mais emotivo dos mosqueteiros. Ficou rico quando se casou com uma milionária, mas está viúvo. Mais tarde recebeu o título de barão, virando assim o “senhor Porthos du Vallon de Bra-cieux de Pierrefonds”. Mas continuou o de sempre, na simplicidade e na simpatia, sem saber muito bem o que está fazendo quando ajuda o parça dele, o bispo Aramis, no fio condutor tetreiro deste livro aqui. Porthos também tem lá um criado fiel, Mousqueton, que, sabe-se lá por quê, nesta altura é chamado por todo mundo de Mouston. (Aqui vai um *spoiler*: o Alê Dumas disse que até chorou quando escreveu a morte de Porthos no livro...)

Agora, D’Artagnan, que é o mais novo do trio-quarteto, ainda está na ativa e virou chefe da guarda do rei. Ele adora seus manos mosqueteiros e é leal a eles até o fim, e por isso mesmo se mete num rebu complicação no imenso bololô divertido que é o enredo desse *Máscara*.

UÉ, QUEM DISSE QUE COADJUVANTE NÃO É IMPORTANTE?

Ui! Tanta coisa pra dizer, né? Mas não acabei ainda não. Toma um gole aí de café e vamos lá com um resuminho básico, antes de a gente passear de mãos dadas, dando uma espiada em alguns coadjuvantes importantes nesta trama: *O visconde de Bragelonne* se desenrola quando os mosqueteiros já não estão mais juntos e na ativa — só D’Artagnan continua trabalhando no ramo da capa e espada.

Encaremos agora alguns tipinhos que são pontos fundamentais do enredo de Dumas, começando pelo Fouquet, que é um cara que foi mesmo encarregado dos cofres oficiais da

França — e, confie em mim, isso é o suficiente por enquanto. E ainda o Colbert, que também apronta muito nesta história e que foi outro que existiu de fato. Esse Colbertinho estava de olho no cargo do Fouquetão e vai costurando um trelelé pesado para assumir a posição enquanto o ex-mosqueteman, Aramis, se mete com os dois pés até o pescoço nesta disputa de C contra F.

Ah, e, por fim, por outro motivo, temos de falar um pouco mais do visconde do título, que se chama Raoul e é filho do Athos. O rapaz havia sido noivo de uma garota aristocrata, Louise de La Vallière, e ficou a ver navios porque a gata o colocou pra escanteio ao se apaixonar total pelo rei Luís XIV, que, por sinal, era casado. (E aqui entram mais estes parênteses: a Lou existiu mesmo e teve um primo que passou por esse perrengue de literalmente morrer de amor por ela, quando viu que a bela estava de teretetê com o rei.)

ARAMIS, O ARMADOR DE TRETAS

Duas coisas importantes de saber a mais sobre Aramis é que esse treteiro de grande quilate havia tido um caso de bicotas, rala e rola e *et cetera* picante com uma mulher que ouvia as confidências da mamãe do Luís XIV. E, na ficção do Dumas, foi essa namoradinha aí quem contou o babado secreto do irmão gêmeo pro Aramis, que, ambicioso e sem escrúpulo algum, resolveu usar o que sabia para ganhar ainda mais poder e prestígio, e talvez até virar papa um dia!

O lance é que, como vimos, ele havia estado ao lado do superior da ordem dos jesuítas quando este estava perto de morrer. A história completa é a seguinte: para escolher seu substituto, o chefão perguntou para uma turma de candidatos quais segredos eles tinham que poderiam ajudar a avançar os planos de poder da ordem jesuíta. E foi Aramis quem ganhou a disputa, subindo um megadegrau na vida. Esse é um ponto fundamental para o desenrolar da barafunda que faz o livro manter o leitor grudado às suas páginas.

Mas, ei!, chega de blá-blá-blá. Bora virar a página e mergulhar fundo neste delicioso clássico. Vamos juntos que eu botei aí uma montanha e meia de notinhas e comentários pra diversão ficar ainda melhor. *Bisou, bisou, au revoir!*

Fátima Mesquita

O sucesso de Dumas pai começa no teatro, com destaque para *Henrique III e sua corte* (1829), mas sua fama praticamente intergaláctica vem mesmo com os romances. Eles são muito demais da conta, então aqui a gente dá só uma amostra, listando os títulos mais famosos. Note também que, no caso dele, muitas vezes tem obra que sai de dentro de outras obras. Isso é possível porque Dumas pai escreve livros grossos mesmo, abrindo esta possibilidade de fazer como a gente fez aqui, que é extrair de uma trama-mãe um enredo-filhote que dá conta de brilhar sozinho também. Mas eis a listinha nossa:

O CASTELO DE EPPSTEIN (1843)

O CONDE DE MONTE CRISTO (1844)

OS IRMÃOS CORSOS (1844)

OS TRÊS MOSQUETEIROS (1844)

A RAINHA MARGOT (1845)

VINTE ANOS DEPOIS (1845)

O CAVALEIRO DE MAISON-ROUGE (1845)

MEMÓRIAS DE UM MÉDICO (1846-1853),

em quatro volumes:

JOSEPH BALSAMO,

O COLAR DA RAINHA,

ANGE PITOU e

A CONDESSA DE CHARNY

O VISCONDE DE BRAGELONNE (1847)

OS QUARENTA E CINCO (1847)

A TULIPA NEGRA (1850)

MEMÓRIAS DE GARIBALDI (1860)

